

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 471	Redacção — Atelier de Gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. torte)	38800	16900	8950	6120	21 DE JANEIRO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	20000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		

RECORDAÇÕES DA EXPEDIÇÃO DA ZAMBEZIA DE 1869



ALFERES CHRISTOVÃO EUGENIO PINTO



CAPITÃO JOSÉ MARIA DE QUEIROZ ABRANCHES



CAPITÃO ANTONIO CARDOSO DOS SANTOS



ALFERES ANTONIO AUGUSTO FERRAZ



MAJOR JOAQUIM HENRIQUE XAVIER NOGUEIRA



CHRONICA OCCIDENTAL

Foi uma semana extraordinariamente cheia de acontecimentos de sensação a semana que acabou.

Essa semana viu, nem mais nem menos, do que a queda d'um ministerio, a ascensão d'um novo governo, e a prisão de muitas pessoas de elevada posição social como cúmplices d'um desfalque importante de dinheiros.

Uma verdadeira semana fim de século, em que os mais inesperados acontecimentos se deram uns atraz dos outros, com profundo espanto do publico, que mal não estava ainda em si da impressão causada por uma noticia, tinha já outra noticia a assombral-o, e logo depois outra e outra.

A crise ministerial surgiu de repente, inesperadamente, como quasi sempre surgem entre nós as crises ministeriaes.

Ordinariamente durante a vida de todos os governos ha muitas occasiões em que se falla em crise, em que o governo está a desabar, em que o ministerio vae pedir a demissão, e o governo continua a viver cada vez com mais saude: de repente, precisamente no momento em que se não falla em crise, zás! o governo vae a terra, muitas vezes sem se saber nem porque nem porque não.

D'esta vez ainda aconteceu o mesmo.

Um dia correu a noticia de que por causa do sr. ministro da fazenda ter pago um coupon da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, sem previo consento dos seus collegas no governo, tinha havido divergencias no seio do gabinete, divergencias de que resultara o sr. Marianno de Carvalho pedir a sua demissão.

Discutia-se ainda a veracidade do boato, quando um officio do sr. presidente do Conselho, João Chrysostomo, annunciara á camara a demissão do sr. Marianno.

O ministerio, porém, ficava tratando apenas de preencher a vaga do sr. Marianno.

No dia immediato o ministerio dava a demissão por não ter encontrado quem quizesse tomar sobre os hombros a cruz das nossas finanças.

Sua Magestade aceitou a demissão do gabinete João Chrysostomo e encarregou o sr. conde de Valbom de organizar novo ministerio.

O sr. conde aceitou o encargo, mas á noite teve de o declinar por lhe não ter sido possível levar a cabo a missão.

Então Sua Magestade mandou chamar ao Paço o sr. conselheiro José Dias Ferreira e confiou-lhe a missão de formar governo.

No dia immediato o governo estava formado da seguinte fórma:

Presidencia e Reino — José Dias Ferreira.

Justiça — Bispo de Bethsayda.

Fazenda — Oliveira Martins.

Guerra — General Furtado Pinheiro.

Estrangeiros — Costa Lobo.

Marinha — Ferreira do Amaral.

Obras Publicas — Visconde de Chancelleiros.

E' escusado, creio, tornar a repetir aqui a minha profissão de fé de nunca me occupar de politica, e sob esse ponto de vista apreciara os factos o meu presado collega João Verdades, com aquella sensatez, tão cheia de bom humor, que tem feito o successo das suas Revistas Politicas: não vou apreciar o novo ministerio sob o ponto de vista politico, vou simplesmente commentar os factos como *dilletante*, como curioso.

E' innegavel que a escolha do sr. José Dias Ferreira para organizar ministerio na situação grave que atravessa o nosso paiz, foi bem recebida por toda a gente e por toda a gente bem recebido o ministerio que elle organisou. Podem os entendedores lamentar que n'esta situação não fosse chamado ao governo um ministerio partidario, um ministerio politico; confesso que d'isso não percebo nada, mas entretanto o que percebo é que a muita politica é que tem dado cabo de tudo isto e levado as coisas ao ponto a que ellas chegaram.

O paiz está farto de politica até aos olhos; parece-me até que o seu mal é uma indigestão d'esse alimento doentio, e creio que é exactamente por isso, por não ter compromissos politicos o sr. José Dias Ferreira, por não ter atraz de si numeroso partido, que o paiz ha muito tempo pensava n'elle e que a sua ascensão ao poder foi recebida, senão com enthusiasmo, pelo menos com esperança pela grande maioria da nação.

Os nomes de todos os homens que compõe o actual governo, inspiram confiança; são nomes honrados, e não es que se impõe pelo talento e pelo caracter.

Quasi todos os ministros de hoje são novos no poder; mas sabe-se que todos elles são de notavel capacidade e estudo, homens de bem e de boa vontade, e ha direito a esperar muito d'elles.

A situação é grave: não é preciso andar enfiado na politica para o perceber, e pelo contrario, parece até que aquelles que n'ella andam enfiados é que não o percebem, e é claro que o governo que tentar eficazmente a nossa regeneração financeira, tem que arcar com muitos attritos, tem que cortar fundo e sem dó.

Evidentemente esses cortes que vão doer a muitos não serão recebidos com enthusiasmo, mas com certeza todos supportarão o sacrificio, visto elle ser indispensavel, desde o momento em que esses cortes sejam geraes, proporcional e equitativamente feitos e sem excepções que os tornem odiosos.

E se o governo tal fizer poderá levar a cabo a sua difficil tarefa, e bem merecerá da Patria.

Que assim seja!

A questão da Companhia Real dos Caminhos de Ferro em que ha muito tempo se fallava, veiu por fim á suppuração.

Uma bella noite com grande surpresa de toda a gente o edificio da companhia, no Rocio, appareceu cercado de policia á paizana.

Ora como os policia á paizana são ainda muito mais conhecidos do que quando andam de farda, toda a gente que aquella hora passava por junto da Estação notou o caso, mas deu-lhe interpretação mui diversa.

O que toda a gente pensou, e o que no Martinho e no Suizzo constou, foi que, se esperava algum criminoso que viesse de fora e a que a policia se preparava para deitar a mão

Pois não era nada d'isso: tratava-se apenas da famosa questão dos desfalques nos cofres da companhia.

Effectivamente no dia immediato, soube-se que o sr. dr. Pedroso de Lima, o commissario de policia da 2.ª divisão, tinha passado a noite nos escriptorios da companhia examinando os livros da escripturação.

Era portanto evidente que no fim a policia e a justiça iam tomar conta do caso e n que havia tanto tempo se fallava.

E d'alí a nada começavam a apparecer as capturas, capturas que produziram profunda sensação em Lisboa, pelos nomes dos capturados, os srs. marquez da Foz, Reis e Sousa, Calleya, Seruya, Guilherme da Silva Guimarães, Guilherme Arnaud, João Baptista de Figueiredo; o primeiro antigo administrador da companhia e os outros directores do Banco Lusitano.

A todos os presos foi concedida fiança arbitrada em quantia não inferior a 200 contos de reis e a justiça prosegue nas suas investigações, dizendo uns que se preparam mais mandados de captura, e outros que não, que as prisões ficam por ali.

Quem acerta, o futuro o dirá, e entregue como está o negocio á justiça, a ella compete apurar as responsabilidades, competindo-nos a nós todos espectadores d'estes deploraveis acontecimentos, que tão tristemente marcam o fim do nosso seculo, esperar com serenidade o resultado das investigações da justiça sem procurar aggravar com odios antigos, invejas ou rancores a situação dos accusados.

Um acontecimento que tambem produziu triste impressão em Lisboa, veio-nos d'Inglaterra.

Foi a morte do duque de Clarence, o filho mais velho do Principe de Galles, o futuro herdeiro do throno da Gran Bretanha.

Ninguém conhecia o infeliz principe em Lisboa, mas conhecia-se o interessante romance dos seus amores com aquella com quem ia casar, e isso bastou para que o epilogo terrivel que a esses amores deu a *influenza*, causasse não só em Lisboa, mas em toda a Europa, funda consternação.

O duque de Clarence tinha apenas 28 annos de idade: era um rapaz galante, muito grave, muito serio, muito calado, sempre entricheirado no mais engravatado formalismo, o que durante muito tempo o fez pouco sympathico tanto na corte como no paiz.

Ha coisa de dois annos porém, o duque de Clarence começou a mudar do feitio, principiou a fallar, a rir, a dar-se com uns e com outros affavelmente; era que começara a amar e a ser feliz, a sentir-se amado.

Esses amores porém, com uma simples condessa, que não perencia a nenhuma familia rei-

nante, a condessa Maria Teck, não agradaram á familia do principe e foram ao principio muito contrariados.

O duque de Clarence tinha porém, uma poderosa alliada n'esses amores, sua avó, a propria rainha da Inglaterra, que estimava muito a condessa de Teck, que lhe pozera o cognome da princeza Maio, e que dizia a quem queria ouvir-a que era ella a sua noiva d'eleição, *elective bride*.

Tendo por si o auxilio de sua avó, o duque de Clarence venceu rapidamente todas as difficuldades que se oppunham ao seu casamento com a eleita do seu coração e ha pouco mais d'um mez, fora declarado, oficialmente declarado noivo da sua querida Maria de Teck.

O casamento devia realisar-se muito em breve, e preparavam-se já para elle festas extraordinariamente sumptuosas.

N'isto veiu a *Influenza*, essa epidemia terrivel e traiçoeira que entrou na Europa com pés de lã, a sorrir, como uma epidemia de brincadeira, e em oito dias fez do robusto rapaz um cadaver, da sua alegre noiva a mais desolada das mulheres, a noiva viuva, como lhe chamam agora em Londres, e transformou as radiantes festas do casamento, nas lugubres cerimoniaes de funeraes.

A *influenza* appareceu sob a forma d'uma bronchite ligeira; o principo não fez caso d'ella, a bronchite tornou-se rapidamente n'uma pneumonia purulenta que o matou em tres dias apesar de todos os cuidados dos medicos mais illustres da Inglaterra.

Como se vê, foi um romance profundamente triste os d'esses amores cortados brutalmente pela morte, no momento em que a felicidade suprema parecia approximar-se, e comprehende-se bem a sensação triste, que esse fatal epilogo, causou em toda a gente que tem coração.

Terminamos hoje a nossa chronica pela noticia do desapparecimento no tumulto d'um dos mais conhecidos typos populares de Lisboa, o pobre Pedro d'Alcantara.

Penso que não ha ninguem que o não conhecesse, ninguem a quem elle não tratasse por tu, quer na nobreza, clero ou povo.

Pedro d'Alcantara era um excellente homem, um bom typo, alegre, folgassão, que tinha uma grande philosophia no viver.

Com as suas brincadeiras, com a bonhomia com que deixava todos brincar com elle, fazia a vida regalada, ia a todos os divertimentos e a todas as festas, e era tão bom homem que até mesmo aquelles, que mais diabruras lhe faziam, que mais rian, á sua custa, hoje o choram com lagrimas sentidas, e em toda a sua longa e dolorosa enfermidade — uma tyfica mesentérica — o acompanharam como verdadeiros e sinceros amigos.

Pobre Pedro d'Alcantara! que descance em paz!

Gervasio Lobato.

RECORDAÇÕES DA EXPEDIÇÃO DA ZAMBEZIA

EM 1869

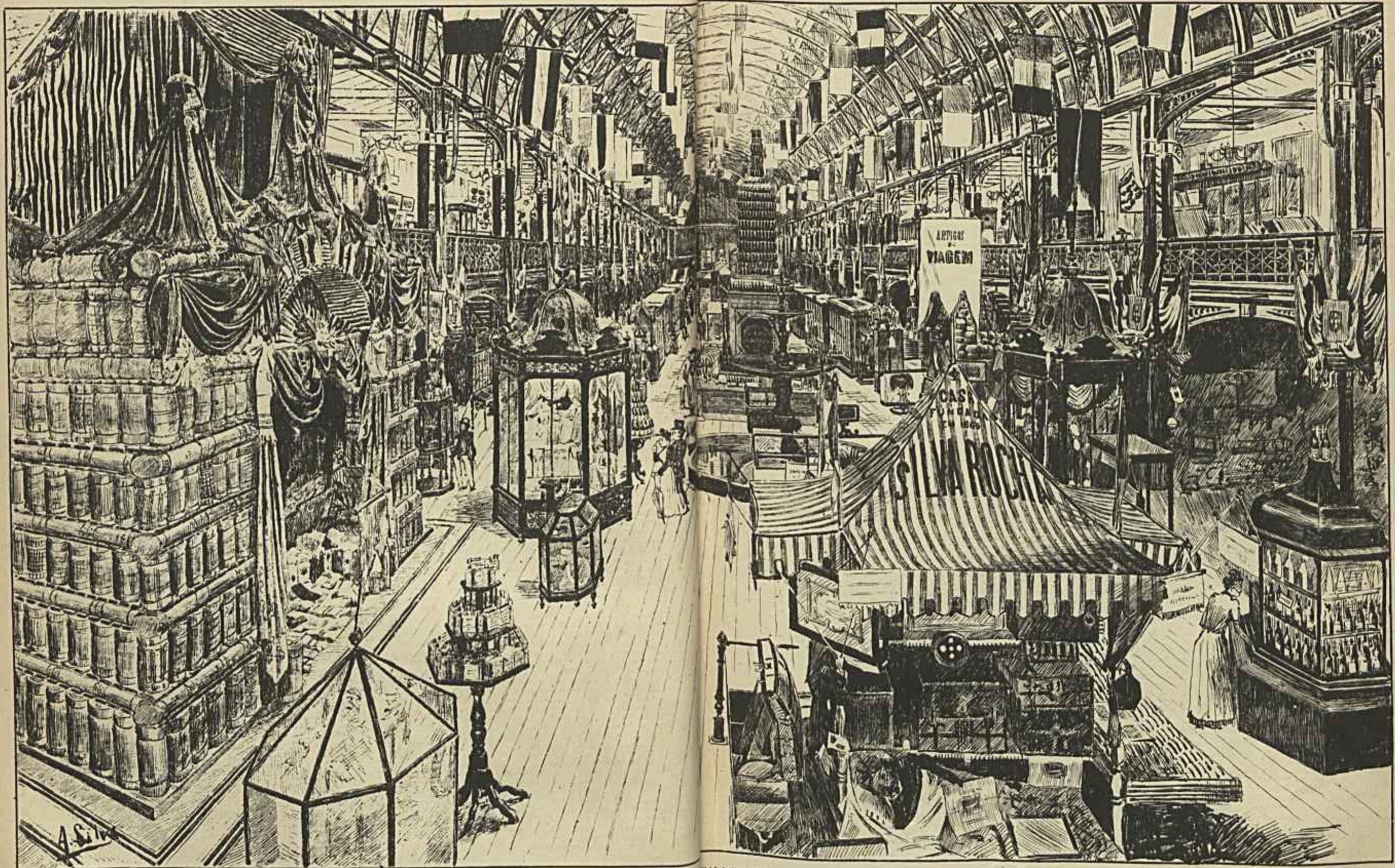
Com este titulo acaba de se publicar um livro, em segunda edição, devido á pena do sr. José Joaquim Ferreira, major do exercito que fez parte d aquella expedição, e editado pelo sr. Antonio Carvalho na *Collecção — Correio Elvense*.

E esta edição precedida de um retrato do sr. conselheiro Augusto Castilho e uma carta do mesmo senhor dirigida ao auctor do livro, em que encarece o merecimento da obra nas seguintes palavras:

«Uma segunda edição do seu singelo, mas veridico estudo acerca da desastrosa guerra levada contra o Bonga em 1860, estava sendo já hoje indispensavel, depois de decorridos vinte e dois annos sobre os acontecimentos que na primeira tomam narrados.

«Uma historia tão luctuosa, tão cheia de vergonhas e tão intencionalmente occultada e desfigurada aos olhos do povo portuguez, nos seus mais revoltantes, sinistros e tragicos pormenores, carecia de ser apresentada, sem reboço nem hesitações, pela mão firme de uma testemunha presencial, com a inexoravel severidade do historiador desapaixonado.»

E assim é.



EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUEZA

(Desenho de A. Silva)

PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

(uma photographia)

& C.^a, Manoel da Motta Fonseca, Pimentel & Queiroz, Francisco Paschoal da Paz e Francisco Cabral Paes & F.^a (Moimenta da Beira).

De algodões em fio e tecidos são muitos os expositores, primando cada um d'elles na excellencia dos productos que exhibem. Assim, é grande a variedade de riscados, guardanapos, toalhas, colchas, cobertores, baetas, flannels, cotins, chales, sarjas, setinetas, chitas, lenços, e algodões em fio.

N'esta secção, os expositores são: Companhia da Real Fabrica de Fiação de Thomar, Companhia de Fiação de Crestuma, Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, Companhia de Fiação e Tecidos do Porto, Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, Companhia do Fabrico de Algodões de Xabregas, Companhia Fabril Lisbonense, Companhia Fabril de Salgueiros, Companhia Fiação Portuense, Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões, Companhia Nacional de Estamparia e Tinturaria, Companhia Rio Ave, Fabrica de Fiação da Valsa, Fabrica de Fiação e Tecidos do Jacintho, Joaquim Baptista da Silva Guerra, Manuel José Moreira Monteiro, Manuel Ortiz de Montellano, Marinho & Irmão, Adrião Ferreira, Bahia & Genro, Antonio José Gomes Samagaio, Centeno & Comp.^a (Lisboa), Antonio da Costa Guimarães, Filho & C.^a (Guimarães), Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.^a (Guimarães), Pedro Pereira da Silva Guimarães (Guimarães) e Museu Colonial de Lisboa, com uma collecção de tecidos de algodão e estampados das nossas provincias ultramarinas.

Em cerâmica, são apreciáveis sobretudo os productos expostos pela Fabrica da Vista Alegre, e pela Real Fabrica de Louça de Sacavem, bem, como pelo sr. Benjamim Ventura, de Coimbra, e pela Fabrica cerâmica das Devezas.

Além d'estes, são tambem expositores: Antonio Gomes da Cunha Guimarães (Barcellos), Caetano Augusto da Conseqüência (Estremoz), Carlos da Silva Mello Guimarães (Aveiro), D. Clementina Vieira da Costa Lima Arnaud, João Amaro (Figueira), João Camillo de Castro Junior, José Pereira Valente, viúva Soares Rego, Julio da Silva Goarmon (mosaicos), Eduardo Augusto Pinto Magalhães (idem) e Joaquim Antonio Machado & C.^a (idem).

Em vidros, são importantes os productos apresentados pela Empresa da Nacional Fabrica de Vidros da Marinha Grande, bem como pela Companhia da Fabrica de Vidros da Amora (garrafas).

Relativamente a obras de serralharia e fundição, devemos especificar os trabalhos exhibidos principalmente pela Fundição de Massarelos, Companhia Previdente, de Lisboa, Fundição da Arrabida, Valentim Ferreira Nunes, José Augusto Ferreira da Cunha (Guimarães), Joaquim Francisco de Azevedo, John Minchim, etc.

Em mobílias, são expositores dos melhores artefactos, Alvaro Coelho & C.^a, Antonio do Nascimento & F.^a, Correia de Abreu & C.^a, Fabrica Economica, Sebastião José Leal, Seraphim Gomes Pimenta, Venancio do Nascimento & F.^a, viúva de José Bernardino Fontes e viúva Silva & C.^a

Digno tambem de muito especial menção é um biombo, estylo antigo, ornamentado com talha, couros e ferragens douradas, trabalho primoroso do sr. José Bernardo Martins.

Artrahem igualmente a attenção, os papeis pintados para forrar salas, do sr. Antonio Cardoso da Rocha.

São perfeitas as obras de correeiro e seleiro expostas por Francisco José da Silva Rocha, João David, Henrique Gonçalves da Costa Lima, e Joaquim José Ribeiro.

De cortumes, são expositores Almeida & Irmãos (Guimarães), Antonio José Correia & C.^a, Cerqueira Lima & C.^a (Vianna), Fabrica de Cortumes Esperança (Lisboa), Fabrica de Cortumes de Bomfim, Francisco Ovidio Senna Antunes, Julião de Freitas Guimarães e Mendes Ribeiro & Sobrinho (Guimarães).

Em escovas, brochas, capuchos de crina, etc., é principal expositora a Companhia Portugueza de Escovas e Pinceis, de Lisboa.

A chapellaria acha-se notavelmente representada nos productos expostos pela Companhia da Real e Imperial Chapellaria a Vapor e por Maia & Silva & F.^a

Igualmente inexcitáveis de perfeição de fabrico, os artefactos de malha exhibidos pela Companhia Manufactora de Artefactos de Malha.

De machinas, ferramentas, etc., são expositores A. de La Roque, Antonio Pinto de Magalhães, Bento de Moura e Silva, Nova Companhia de Fundição do Ouro.

São excellentemente construídas as carruagens expostas por José Antonio Dias, Antonio José Joaquim de Oliveira, Francisco Pereira Lessa, e Germano Valeins, bem como dous carros americanos, pela Companhia Carris de Ferro do Porto

e uma carruagem-freio de 1.^a classe, pela Companhia do Caminho de Ferro da Povoia.

De material para incendios são expositores Antonio Moreira da Silva Couto, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, e Officinas do Corpo de Salvação Publica, do Porto.

Em onrivesaria apresentam-se como expositores A. Reis, Antonio Alves dos Reis & F.^a, Antonio Joaquim de Sousa Moreira, Cazimiro Pinto de Abreu, José Rosas, Manoel Marques, e viúva Innocencio Alves de Azevedo.

A secção de bellas-arts está pobrissima. Apenas ha a notar alguns quadros da sr.^a D. Josephia Garcia Greno, uma ou outra imagem de esculptores em madeira, d'esta cidade e uma primorosa corôa real esculpida em pedra do sr. Severiano João de Abreu, de Lisboa.

São boas as photographias expostas por Emilio Biel & C.^a, Photographia Moderna e Photographia União.

Além dos productos que deixamos enumerados, muitos outros ha que seria fastidioso mencionar, taes como mineraes, cal, marmores, alabastro, carvão, cimentos, calcareos, palitos, madeiras, massas de madeira para fabricação de papel, linho, seda e lã em rama, conservas, biscutos, bolacha, confeitaria, farinhas, manteigas queijos, cafés, chocolates, licores, aguardente, aguas mineraes, productos chimicos e pharmaceuticos, saboaria, adubos, instrumentos de musica, artigos de vestuario, papeis, livraria, etc., etc.

Como o nosso proposito era unicamente deixar consignada a realisacão da exposicão industrial no Porto, a simples resenha que acabamos de fazer, cremos ser sufficiente para dar uma ideia da sua importancia.

Porto, janeiro 1892

M.



AS NOSSAS GRAVURAS

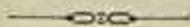
VELOCIPEDE PARA TERRA E PARA AGUA

Depois dos numerosos systemas de locomoção por agua que tem apparecido nos ultimos annos, novamente se esforçaram diversos inventores para apresentarem um vehiculo que possa servir tanto para terra como para agua, de sorte que se passe, sem maior difficuldade, de um para outro elemento.

Semelhantes construcções promettem utilidade especial para fins militares, fortalezas situadas á beira da agua, e tambem para empregados de alfandegas, portos e construcções junto da agua, para a caça em passeios fluviaes, e para atravessar os rios de rapida corrente; ou sobre as aguas onde a profundidade insondavel, os bancos de areia, e outros accidentes tornam difficil o emprego dos botes, dado o caso da margem ser bastante plana para dar facil sahida ao velocipede.

A nossa gravura representa um aparelho d'esta especie, que é devido a Jorge Pinkert, de Waldheim, na Saxonia, e tem privilegio na maior parte das cidades.

As tres rodas, que são unidas com guta-percha não deixam o vehiculo ir ao fundo, e até, quando porventura venha a dar-se algum desmancho do machinismo, o grande volume de ar contido nas rodas exclue a possibilidade d'elle se submergir.



EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

EM GUIMARÃES

IV

(Continuado do n.º 479)

Tem a igreja da collegiada duas sacristias, uma pertencente á irmandade do Santissimo, e a outra aos conegos. N'esta está uma capella feita, ou reconstruida em 1686, na qual se venera com grande devoção dos fieis uma imagem de Nossa Senhora, em pintura muito antiga, que, segundo refere a tradição, e se acha escripto em um velho pergaminho, existente no archivo da collegiada, foi trazida de Roma para esta igreja de Nossa Senhora da Oliveira no reinado de el rei D. Diniz, por Paio Domingues, dom prior de Guimarães e deão da se de Evora.

Guarda-se n'esta sacristia, em um grande armario com portas bem chapeadas de ferro, o magnifico thesouro de vasos sagrados, cruzes, joias do ornato da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, e outras alfaias. É o thesouro mais rico de objectos preciosos de arte antiga, que ha no reino. Ao grande numero d'esses objectos, que o compõem, ainda accresce outra circumstancia de muito apreço, e é que entre elles acham-se alguns, que são verdadeiros primores de arte, e outros que são padrões gloriosos da historia de Portugal.

Mencionarei as peças mais notaveis d'este thesouro. Começarei, sem seguir ordem chronologica, pelo celebrado oratorio, doado a Nossa Senhora da Oliveira por el-rei João I. É de madeira exteriormente, e da forma de um armario, com duas meias portas, tendo de altura 1^m.34; de largura, estando fechado, quasi 1 metro, e se estiver aberto, 2 metros aproximadamente. No interior é todo de prata dourada com obra de esmalte.

O corpo do armario, que terá de fundo uns 10 centimetros, divide-se, na largura, em duas partes, a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma como camara; a superior apresenta a forma de uma fachada gothica, puchada á frente do armario, e fazendo abobada á inferior. N'esta acha-se uma cama em que esta deitada uma imagem de Nossa Senhora, com o Menino Jesus; e aos pés da cama vê-se S. José, sentado e encostado ao seu bordão.

Por cima da cama e das imagens da Virgem e de S. José resaltam da parede da camara, no centro uma representacão da magedoura, que serviu de berço ao Menino Jesus, com as cabeças de boi e da mulinha, e nos lados dos dois meios corpos de anjos com thuribulos nas mãos, em accção de incensar a Jesus recém-nascido. As imagens da Virgem e de S. José tem uns 24 centimetros de altura, e são, bem como o Menino Jesus, de vulto inteiro; tendo o rosto e as mãos com encarnacão e o resto do corpo de prata dourada. As paredes e abobada da camara são vestidas de folha de prata dourada com seus labores. A fachada gothica, que acima me refiro, é toda de prata dourada com esmaltes de diferentes cores e compõe-se de dois corpos distinctos: o superior representa a parede ornamentada de um edificio gothico, na qual se estende uma galeria de nove janellas contiguas, delineadas segundo o mais puro gosto, d'aquelle estylo architectonico, resaltando da dita parede, sobre a galeria de janellas, dois anjos, um em cada extremidade, segurando dois escudos de armas de el-rei D. João I de Portugal: o corpo inferior consta de quatro arcos, que formam a abobada da camara, ou presepio, e sustentam outros tantos pavilhões sextavados, em que se abrem brincadas janellas ogivae, tudo guarnecido de lindos esmaltes. São separados os quatro pavilhões por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capellinha, que se encostam á galeria acima referida. Nas cinco misulas dos quatro arcos vêem-se cinco pequenas estatuas de anjos, de vulto inteiro, com tochas nas mãos. Fazem-lhes docel cinco formosos corucheos, rendilhados, que terminam em esbeltas e delicadas agulhas.

As duas meias portas do oratorio tem o mesmo fundo d'este, e dividem-se tambem em duas partes, superior e inferior; tendo em cada divisão uma camara ou capellinha, com as paredes vestidas de folha de prata dourada com labores, e coberta por dois arcos ogivae, que sustentam uma como parede toda lavrada com diversidade de desenhos esmaltados. Na meia porta do lado direito está representada a «Anunciacão», na parte superior e na inferior a «Apresentacão»; na meia porta do lado esquerdo está figurada, na parte superior a «Adoracão dos pastores», e na inferior a «Adoracão dos reis». Todas as figuras são igualmente de vulto inteiro, de prata dourada, com encarnacão nos rostos e mãos, e da mesma altura das de Nossa Senhora e S. José, que estão no presepio.

Em tudo quanto respeita a architectura e ornamentação é este oratorio obra para muito se ver e admirar. Mas as figuras deixam muito a desejar, sobre tudo em correcção de desenho.

Gaspar Estação, que viveu no seculo vi, diz no seu livro *Vareas antiguidades de Portugal*, que este oratorio se fizera de prata a que se pesou el-rei D. João I, e deu de esmola a Nossa Senhora. O padre Antonio Carvalho, no 1.^o tomo da sua *Chorographia Portugueza*, em 1706, refuta aquella opinião de Estação, dizendo que o seu engano devia proceder de ver n'elle (oratorio) esmaltadas as armas d'este rei, que os conegos da real collegiada mandaram n'elle illumina para signal, que ficasse aos vindouros, que fóra dadiua sua; no que andaram mal aconselhados; porque se n'isso mostraram a mercê, que o rei lhes fez, escureceram a gloria, com que foi alli trazido. E se este

auctor conferira o anjo, de que trata no mesmo capitulo n.º 5, e diz fôr tomado na mesma batalha, não houvera de manifestar ao mundo o seu engano; e juntamente quando confessa, que era da capella real de Castella; porque é certo que el-rei D. João o primeiro de Castella não havia de trazer em sua companhia os aijos, que n'ella serviam de cêrnes, sem trazer o retabulo a que elles allumiavam.

A isto accrescentarei, que visitando esta collegiada, pela primeira vez, em 1845, o conego, que então exercia o cargo de thesoureiro-mor, uma das cinco dignidades da collegiada, pessoa illustrada, e ha muito fallecida, disse-me que havia alli a tradição, e a ouvira referir, quando entrara para aquella collegiada, a conegos muito edosos, de que o oratorio, ou retabulo de prata fôr tomado a D. João I de Castella na batalha de Aljubarrota, e depois offerecido a Nossa Senhora da Oliveira por D. João I de Portugal, juntamente com os 12 anjos de prata, que faziam parte do mesmo oratorio, e que era por mandado do cabido, que tinham sido substituidos nos dois escudos de armas os leões de Castella pelas quinias de Portugal.

(Continúa.)

R.

A MÃE DE CAMÕES

(Continuado do n.º 470)

Do facto de apparecer no ultimo documento Luiz de Sá de Camões, e não Luiz de Camões, o sr. Storck conclue que Anna de Sá se assignara na petição para a mercê (a que marca arbitrariamente a data de 1584) Anna de Sá de Camões, donde proveio o Sá no nome do poeta; e eu do augmento d'este appellido ao nome d'elle concluo meramente que o empregado, acabando de escrever o nome do filho, adicionou-lh'o por equívoco, o que bem mostra a palavra dito que o antecede, e se refere a Luiz de Camões, conforme devia ser, e não a Luiz de Sá de Camões, de que ainda se não fallara, porque o nome que vem depois d'aquella palavra costuma consistir na repetição do nome já anteriormente enunciado, ou de parte d'elle, como por exemplo no terceiro documento o de Simão Vaz de Camões, que mais abaixo se reduz a Simão Vaz, precedido da mesma palavra. Quanto á supposição de Anna de Sá juntar Camões ao seu nome no requerimento, não é tambem admissivel, porque só em tempos comparativamente modernos é que começaram as mulheres a accrescentar aos seus nomes um ou mais appellidos dos maridos.

Com o fim de prevenir objecções, raciocina ainda o sr. Storck: «Ninguém estranhará que ella (Anna de Sá) não empregasse nas suas petições os termos *madrasta* em lugar de *mãe*, nem *enteado* em lugar de *filho*, e que a chancellaria régia seguisse o mesmo rumo. O nome *madrasta* não se odeia somente em terras de Allemanha! Camões convivera em Lisboa durante os ultimos dez annos de sua vida, ou pelo menos parte d'elles, com a idosa senhora, por certo sem nunca lhe negar o doce nome de *mãe*. Por isso ella passava por verdadeira mãe do poeta nos circulos que os conheciam a ambos. Luiz Vaz nunca conhecera a mãe carnal. E quem podia saber em Lisboa, quem tinha interesse em indagar a verdade meio seculo depois de contrahido o segundo matrimonio de Simão Vaz com Anna de Sá, em Coimbra (provavelmente cerca de 1530?)»

Estas razões são insustentaveis. Bem se importavam os empregados que escreveram os documentos, ou quem lh'os mandou escrever, que a palavra *madrasta* se tomasse ás vezes em máo sentido, se se usava então, como ainda se usa hoje, apesar d'esse máo sentido? Era a propria; e aproveitar se hia, se fosse necessaria. Não o fizeram não o fizeram tambem quanto á palavra *enteado*, porque Anna de Sá era mãe de Camões. Nem a redacção dos documentos tem coisa alguma com os parentescos falsos ou imaginarios em voga entre as pessoas conhecidas dos interessados; mas sim unicamente com os parentescos verdadeiros, sobretudo dependendo d'elles conceder-se ou não se conceder uma pensão por serviços em que poderia haver prejuizo de terceiro. Nem se deve presumir que Anna de Sá, a ser *madrasta*, se intitulasse *mãe*, pois mentiria a el-rei, o que não é de esperar, e lhe podia trazer graves consequen-

cias. Porém concedido, e nunca provado, que Anna de Sá fosse *madrasta* do poeta, como e que o sr. Storck sabe que o casamento d'ella com Simão Vaz de Camões se effeitou em Coimbra, e que foi provavelmente meio seculo antes da data dos documentos, por 1530? O sr. Storck assenta apenas, nas suas conclusões, fundado na erronea interpretação de alguns versos do poeta, como vimos, que Anna de Macedo morreu a nascença de seu filho, o qual, por isso teve uma ama, e que esta foi cruel para com elle (uma fera); e, fundado no appellido Sá, que vem nos documentos (datados, note-se bem, de 1582 e 1585), em vez de Macedo, conforme trazem Martiz e outros, infere que Anna de Macedo era a mãe, e que Anna de Sá era a *madrasta* do poeta; e sem nos dizer nada quanto á familia, naturalidade, morada e circumstancias da vida de Anna de Sá, nem quanto ao seu casamento, pois só agora se lhe refere, dá o realisado em Combra proximoamente por 1530, quando o nome d'ella só nos apparece pela primeira vez n'uma das listas que Faria e Sousa descobriu na Casa da India, de que já fallámos e fallaremos, lista conhecida do sr. Storck, lista datada de 1550, trinta e dois annos, e não meio seculo, antes do primeiro documento, e quando Camões contava vinte e cinco de idade! E como ou onde se prova que, durante os ultimos dez annos da sua vida, ou ao menos durante parte d'elles, Camões conviveu em Lisboa com Anna de Sá, quando nada consta a este respeito; quando, pelo contrario, segundo os escassos e fluctuantes vestigios dos derradeiros annos do poeta, elle nos apparece pobre, só, e abandonado, protegido apenas pela amizade do seu Jao, e pelas esmolas da vendeira Barbara, e trequentando a companhia dos religiosos de S. Domingos, sem que em nenhum dos tristes e afflictivos lances da sua precoce velhice e da sua miseria e desamparo, nem mesmo no da sua morte, figure Anna de Sá, quer fosse sua *madrasta* quer sua mãe? A tirar-se d'aqui alguma conclusão, não deve ser antes a de que ella não estava n'esse tempo na companhia de Camões?

(Continúa.)

Ramos Coelho.

CONTOS MILITARES

O SARGENTO SALAZAR

Depois da prolongada campanha d'Austria, o ambicioso Napoleão adormeceu por momentos ao som dos hymnos de triumpho, para despertar decidido á conquista d'esta pequena tira do occidente da Europa, cujos habitantes lhe haviam já dito na Rolica e Winiereiro, pelas bocas das escopetas, que Portugal era ainda o mesmo guerreiro de Val-de-Vez, Aljubarrota, Ameixial e Montijo.

A lembrança dos desastres de Junot e Soult contundia tanto a alma aguerrida do vencedor d'Austerlitz, como pezada catapulta, impellida por mão gigante, os muros impenetraveis das alcavovas medievas.

A idéa de duas derrotas successivas magoava tanto e tanto aquelle espirito de titan, que, em 1810, enviou a Portugal tres corpos do grande exercito commandados por Ney, Junot e Reynier, os quaes obedeciam ás ordens do bravo general Massena, cujos anteriores triumphos lhe valeram o nome lisongeiro de *predilecto da victoria*.

Entrara pela Beira o grande capitão n'um dos primeiros dias d'agosto de 1810.

Aos raios crús do mais ardente sol d'estio entreluziam as bayonetas dos francezes, levemente oxidadas pelo sangue dos vencidos de numerosas campanhas; e no cimo das arrogantes muralhas da praça d'Almeida, que ia ser assediada, viam-se alguns homens, immoveis como estatuas, junto aos canhões de bronze, cujas espoietas esperavam o contacto das velas mixtas dos artilheiros, para levarem a morte ao arrayal inimigo.

Por uma evolução rapida como um corisco, a antiga fortaleza encontrou-se no meio d'um circulo d'homens de tez crestada pelo sol do Egypto... por uma especie de serpente descommunal que se dispunha a estoír, dentro das suas roscas de ferro, os esforços desesperados d'um punhado de recrutas.

Do interior da praça evolavam-se, nas azas da viração matutina, gritos lancinantes de pavor e desalento; e mais do que em dos seus velhos moradores pensára já em morrer abraçado ás filhas castas, para as poupar á ferocidade sensual dos terriveis estupradores, e sacrilegos iconoclastas.

O fogo começou

Descargas de fusilaria, salpicadas de metralha, que os morteiros vomitavam n'uma bebedeira d'exterminio, cahiam em leques mortiferos sobre a horda d'invasores que havia de ser vencida em Fuentes d'Honór e Albuera,—estrophes principaes d'esse poema sangrento, que teve o seu epilogo para lá dos Pyrenéos.

Os infantes e artilheiros portuguezes, obediêntes á voz do dever, olhavam com desdem, de sobre os baluartes, para o exercito francez, que a seu turno os dizimava com os seus certos projectis.

Bastantes dias durou o cêrco,—dias que decorriam com a lentidão dos seculos,—quando uma bala ardente do inimigo, penetrando no paiol, fez voar, acto continuo, a invencivel cidadella.

Estava rendida a praça.

Os francezes, galgando por sobre montões de cadaveres e de feridos agonisantes, precipitaram-se em tropel no interior da villa, juntando pouco depis o saque ao estupro, n'um furor de selvagens... n'uma furia bestial!...

Mas nem todos os nossos soldados haviam desaparecido sob os destroços da praça: Um grupo houve—grupo de valentes, que guarnecia um canhão,—o qual nunca cessou de dar fogo, até que um tiro traiçoeiro, um tiro á queima roupa, disparado por um francez, inutilizou o commandante da guarnição—um valoroso tenente,—que, no decurso do assédio, praticára incriveis feitos de valor.

—Maldito!... murmurou o joven official, cahindo no chão tinto do proprio sangue.....

A peça emmudeceu.

Dentro da villa ia uma confusão indescrictiva.

Velhos, mulheres e creanças estrugiam os ares com ininterruptos clamores afflictivos,—clamores que eram sobrelevados d'intermittencia em intermittencia pela algazarra monotona dos assaltantes, na disputa da honra das virgens e da distribuição do saque.

O tenente,—um bello rapaz de trinta annos, valente como um athleta,—estorcia-se no lagedo do baluarte, por effeito do ferimento, que ia custar-lhe a vida.

—Meu amigo,—balbuciou elle, dirigindo-se a um joven e robusto sargento que o velava, e a quem uma lagrima, que corréra envergonhada, lhe manchou por um momento o rosto tisonado do fumo dos canhões:—Vou pedir-te o derradeiro serviço... Sinto a morte apalpar-me com a sua mão de gelo... Olha: Arrasta-me para debaixo do reparo da nossa peça, porque desejo acabar ao pé da companhia fiel de tantos dias de trabalhos...

—Meu pobre tenente!... exclamou o sargento Salazar n'uma grande commoção, sustendo nos seus braços de ferro e removendo para debaixo da peça o corpo quasi exangue do infeliz official.

—Desaperta-me agora a farda, Salazar. N'uma das algibeiras encontrarás uma carta e uma trança de cabello da mulher a quem dedico as ultimas pulsações do meu mallogrado coração... Que os bandidos da França não ponham mãos sacrilegas no meu thesouro...

—Ai!... a minha pobre irmã!... bradou o sargento, lida a carta, e cahindo de joelhos junto á cabeça inanimada do artilheiro, que expirára na serenidade d'um justo.

Decorreu o tempo.

Os francezes, batidos desde o Bussaco até Tolosa, deixam a peninsula talada, mas, em compensação adubaram-lhe o solo duas partes dos invasores.

Depois da morte do tenente, o sargento Salazar sentiu-se possuido d'um duplo rancor contra os soldados da França.

Na memoravel acção da Victoria,—onde José Bonaparte deu o golpe de misericórdia na grande causa de seu irmão,—Salazar, já alferes, praticou

¹ O anjo de prata, que se guarda no mesmo thesouro, e que foi tomado a el-rei de Castella em Aljubarrota.

taes actos de valor, que fizeram a admiração dos inimigos e o espanto dos camaradas.

Era de madrugada.

Um corpo d'exercito, ás ordens do marechal Jourdan, torneava uma montanha cautelosamente para cahir de surpresa sobre a divisão anglo-lusa a que pertencia o bravissimo artilheiro, com o fim de desalojar-a da vantajosa posição que occupava.

De repente ouvem-se tiros d'alarme nos nossos postos avançados, e, momentos depois, travava-se renhida a lucta entre as forças contendoras.

No meio da soldadesca d'um batalhão francez, que, á bayoneta calada, pretendia apoderar-se da bateria de Salazar, divisou este o cobarde que na praça d'Almeida fusilára pelas costas o infeliz noivo de sua irmã.

Terrivel, ameaçador, cruel, o artilheiro aproveitando o momento em que o batalhão retrocedia desordenadamente, enterrou as esporas no ventre do cavallo, e, cortando a frente ao francez, vibrou-lhe um golpe tão energico, que, abrindo-lhe a barretina e fracturando-lhe o craneo, o prostrou seguidamente.

Depois apeou rapido, e espicaçando-o nervosamente com a ponta aguda do sabre, fundiu os ultimos insultos com os brados de misericordia do miseravel *marandeur*.

— Infame!... bandido!... canalha!... Se tu tivéras um amigo muito intimo, e se traçoceiramente o assassinassem, que farias tu, ladrão, se encontrasses o assassino d'esse amigo, que o fóra ao mesmo tempo da minha desventurada irmã?!

— *Pitié!... pitié!*... exclamava o misero, gemendo sob a pressão d'um dos joelhos do artilheiro, que sorria diabolicamente aos clamores da sua victima: — *Ecoutez moi!*

Ah! mas o alferes portuguez não pôde ouvir coisa alguma. Uma nuvem de sangue passou-lhe pela vista, e, cravando raivosamente a espada no coração do velho soldado francez, pôz assim termo a este sangrento pormenor da grande tragedia d'aquelle dia.

Lisboa—1891.

Oliveira Mascarenhas.



REVISTA POLITICA

Quando reviamos as provas da nossa ultima revista, principiavam a desenrolarse em Lisboa os mais extraordinarios acontecimentos, causando as maiores surpresas.

O primeiro d'esses acontecimentos, se assim lhe podemos chamar na precipitação com que outros se succederam, foi a de nmissão pedida pelo sr. Marianno de Carvalho de ministro da fazenda, ao mesmo tempo que apparecia a publico um enorme roubo de fundos feito á caixa das apontações dos empregados na Companhia Real dos Caminhos de Ferro, o que pôde á primeira vista parecer caso alheio á politica, mas que desgraçadamente não é, desde que a criminosa administração da Companhia Real tem sido o que mais affectou o nosso credito no estrangeiro e criou ao governo portuguez o melhor dos seus embaraços financeiros.

Mas não param ainda aqui todos estes acontecimentos.

A demissão do ministro da fazenda, motivada por desacordo com os seus collegas, que não authorisaram um suprimento de 5000 contos por elle feito á companhia dos caminhos de ferro, e ainda outro de 4000 contos feito ao Banco Lusitano, originou uma crise ministerial, que não estava prevista, e por isso mesmo foi a valer, porque a tal crise deu com o governo em terra, á falta d'este poder impingir a pasta da fazenda a um novo financeiro em disponibilidade.

O ministerio demittiu-se.

É o terceiro ministerio que tem vindo em socorro da patria e afinal não salva coisa nenhuma.

Exactamente como no *Trovador*.

O chefe do Estado encarregou o sr. conde de Valbom de organizar ministerio, mas o illustre diplomata não pôde organizar coisa nenhuma. Os regeneradores estavam promptos para o sacrificio, mas os progressistas é que não partilhavam da mesma opinião, e o sr. José Luciano, que anda muito arreliado por chamarem toda a gente para formar ministerios menos a sua ex.^a, declarou que não daria o seu apoio á nova situação hermaphrodita.

Já bastava o sr. Marianno, quanto mais agora o sr. Valbom a fazer-lhe escovinhas á porta.

N'estes casos o poder moderador teve que recorrer ao ultimo extremo, e lá chamou o sr. José Dias Ferreira para salvar a patria.

Se d'esta vez a patria não fór salva, só resta cada cidadão chamar para o pé de si um policia para o que dér e viér.

O sr. conselheiro José Dias Ferreira, ha muito tempo apontado pela opinião publica como o unico homem capaz de arcar com a desordem em que tudo isto vae, conseguiu promptamente

n'um memoravel discurso que fez, ainda não ha muito, na camara dos pares.

Na marinha o sr. Ferreira do Amaral, capitão de fragata que fez a travessia de Londres a Moçambique n'uma canhoneira de fundo chato, como quem vae a Cacilhas n'um bote. Tem coragem e conhece a Africa como os seus dedos porque a tem governado por varias vezes.

Na guerra o sr. general Pinheiro Furtado, o mais antigo hoje em effectivo servico apesar dos seus 80 annos officiaes, porque ha quem diga que tem mais alguns. É de rija tempera, de contrario não montava a cavallo como qualquer rapaz e se sua ex.^a está ainda tão agil para a equitação, não é de supôr que o esteja menos para a direcção dos negocios da sua pasta.

Nas obras publicas o sr. visconde de Chancelleiros um par do reino e um lavrador que teve artes de salvar as suas vinhas do phylloxera que as evadiu. Se tivér as mesmas artes de salvar a patria do phylloxera que a mina é um benemerito.

Nos estrangeiros temos o sr. Costa Lobo, par do reino e doutor de capello. Tem viajado por toda a Europa e não sabemos se pela America, pelo que deve conhecer muito o mundo e os ho-

mens, razão esta, talvez, porque sua ex.^a se affasta um tanto d'elles preferindo o isolamento; mas nem assim escapou. Lá o foram buscar, o que necessariamente é uma prova do seu merecimento.

Agora que já dissémos quem são os novos ministros resta dizer a maneira como se apresentaram no parlamento e como este os recebeu.

A recepção não podia ser mais cordeal, mais affectuosa, como quem quer travar relações muito estreitas, prestando favores para ter jus á gratidão.

As declarações do sr. presidente do conselho com respeito ao seu programma de governo, apesar de um pouco ambiguas deixam vêr as idéas reformadoras do novo gabinete.

Cortar rente seja por onde fór, com o que a camara não se fez amarella nem encarnada por já estar habituada a estes programas e tudo ficar como d'antes.

Uma vez porém, será a primeira, e se a moralidade conseguir entrar no poder, muito haverá que vêr e que contar.

Falla se nas reduções de ordenados, nas de comissões e nas de juros da divida publica, e para amostra já o *Diario do Governo* publica

hoje um decreto com respeito ás duas primeiras.

O mesmo *Diario* tambem publica outro decreto determinando que os empregos que vagarem não serão preenchidos por emquanto.

São estes os primeiros passos dados para pôr um travão nas despesas do Estado até que se façam as reformas dos servicos que o governo projecta.

Depois se tratará da divida publica, porque assim manda a moralidade.

Entretanto já ha no parlamento quem pergunte pelos dinheiros desviados para a Companhia dos Caminhos de Ferro e para o Banco Lusitano, — a bagatella de uns nove mil contos — e se se vae pedir sacrificios aos funcçionarios do Estado e não se pedè aquelle dinheiro a quem o desviou sem authorisação do governo.

Tambem isto manda a moralidade. E porque a moralidade manda que não fallemos no desvio de fundos que houve no cofre das aposentações do caminho de ferro, deixamos isso á policia, que é incontestavelmente a instituição mais importante que hoje temos no paiz.

João Verdades.



VELOCIPEDE PARA TERRA E PARA AGUA

organizar um ministerio de homens novos no officio, o que, se não é uma garantia para o lado pratico da questão, é uma defeza para os compromissos politicos, o que já é alguma coisa para a politiquise da terra.

Sua ex.^a teve artes de arranjar os ministros mais imprevistos, o que faz com que toda a gente ande a perguntar quem são, não sabemos se para arranjar os seus empenhosinhos para elles, por que enfim é o que mais preoccupa uma boa parte do nosso publico é saber se pôde contar com uma protecçõesinha para este ou para aquelle ministro.

Este costume muitas vezes nos tem feito pensar que o grande achado seria arranjar um ministerio de engeitados misanthropos.

Nenhum dos novos ministros, porém, estão n'estas condições, que nos conste. São tudo cavalheiros accessiveis, sem politica, ou melhor, sem partido conhecido.

Assim temos na presidencia e reino o sr. conselheiro José Dias Ferreira, liberal independente, que constitue hoje todas as esperanças de salvação publica.

Na fazenda o sr. Oliveira Martins, um financeiro theorico, que vem do paço depois de ter passado pela republica.

Na justiça e ecclesiasticos o sr. bispo de Bethsyda, que mostrou as suas idéas avançadas e castigou severamente a corrupção dos tempos,